

MANUEL DE BOAVENTURA

DEUS LHE PAGUE...

(Um conto do Natal)



EDITORA PAX

25

municipal
aventura



BOA-25

MANUEL DE BOAVENTURA

DEUS LHE PAGUE...

(Um conto do Natal)



EDITORA PAX
BRAGA — 1966



Para a D. Margarida
Terra e Sá - com as
homenagens
de Paulo

W. Brouwer

Casa de Suran

8 de Junho de 1667





ANTONIO-LINDO
64

Composto e impresso na
LIVRARIA EDITORA PAX, LDA.
BRAGA

DEUS THE PLAGUE . . .

A

NDAVA nas verdelinhas agras, a apascigar as vacas, o zagalito António, quando se achegou o fidalgo, seu padrinho, a quem, respeitosa-mente saudou:

— Dê-m'a sua bênça!

— Deus te faça um santo, meu rapaz.

E após pequeno silêncio:

— Então quando é essa ida p'ros estudos?

— P'rá semana que aí vem, se Deus quiser.

— Bom! É preciso estudar muito. p'ra dar respeito à família, e honra à terra ...

— Queria ir p'ra padre ...

— É o desejo de tua mãe ... Ajudarei a ordenar-te.

Adiante, na semana prevista, o cachopinho das vacas deu entrada no seminário, e por lá, a verter lágrimas, de nostalgia e saudades, foi passando o tempo, até às férias do Natal.

Que alegria, ao ver-se de novo na sua aldeia! Quantas saudades daqueles campos verdinhos; daqueles horizontes, tão lindos, que iam até ao céu, lá muito ao longe! dos amigos pinheiros, que davam sombras e lenhas! das casas, dos velhos caminhos, dos amiguinhos do «eixo-rebaldeixo», de tudo ...

E por alturas dos Reis, quando a mãe lhe preparava o saco das roupas, e o farnel para a viagem, a caminho de Braga, desatou a chorar, pôs os pés à parede, e caturrou:

— Não vou! não me puxa ...

E por mais que o pai e a mãe insistissem, fincou-se na negativa:

— Não me puxa! não tenho cabeça p'ró estudo ...

Acabou-se ... Voltaria à soga das vacas e a pulir o cabo da enxada, ao pendurão no gancho do barrelo, ia por três meses ...

*

Mas quando as mãos começaram a ganhar calo, no árduo trabalho do roço, e o sol a escaldejar, nas ardentias de junho, pelo sacho, o estudantinho falhado pôs-se a meditar na sua vida: olhava as

mãos calejadas e negras da terra, ao tempo que limpava o suor, que fazia regos, na cara denegrada de poeira e vermelhão, e ia recordando os escassos meses de seminário, a boa vida de estudante cábula, a parceirada, aqueles senhores padres tão amigos, que o animavam ... o mudou de opinião, ao constatar que aquele merecido castigozinho, imposto pela família, acabava de lhe abrir o apetite para o estudo: «puxava-lhe, agora, voltar ao seminário ...»

E, ao chegar do Outubro, voltou costas ao labor campestre: e voltou aos estudos, seus passos vacilantes rumaram aos estudos, resolvido a chegar a ser um homem, como o senhorio lhe vaticinara ...

*

Pouco interesse do princípio; mas a sombria recordação das agruras do trabalho forçado e certa determinação de vontade, semi-oculta no subconsciente, principiava a manifestar-se, e a desafiar-lhe o apetite pelo estudo, na ânsia de adquirir conhecimentos. Quantos encantos encontrou na Bíblia, nas Ciências Naturais, na Filosofia! ... O Latim, de muitos detestado, agradou-lhe de tal ordem

que chegou a ser o melhor do curso. Do estudantinho «que não tinha cabeça para os estudos» ... já nada restava!

Cinco anos depois tinha todos os preparatórios, com distinção, e ia frequentar Teologia, fazer-se padre, suprema aspiração da sua alma, e, simultâneamente, a maior alegria, que poderia dar a sua mãe. E três anos após, completado o curso, aguardava maioridade, para ser ordenado. Era já o «senhor padre António», ou «padre-novo» — modelo de virtudes e generoso coração, que todos admiravam e respeitavam, e por isso o convidavam para todos os ofícios e cerimónias religiosas da freguesia e do redondel. Isso ia-lhe rendendo uns tostões, que juntava, no desejo de fazer uma surpresa aos amados pais: comprar-lhes uns touros barroeiros, que, na ética campesina, é prova de excelente tino administrativo de um caseiro.

*

Na sacristia, depois da missa cantada, ao receber a colecta, que lhe cabia, da mão do tesoureiro da confraria — ouviu dele o relato de casos de extrema miséria, que ocorriam na terra: uma ou duas famílias, que foram ricas, e que com de-

mandas e desmandos haviam caído na pobreza, naquela pobreza envergonhada, que é a mais dolorosa de todas, passavam fome, a fome negra de dois ou três dias com uma côdea de pão, que desfai-masse pais e filhos! ...

Que melancolia lhe causou esta revelação!

No regresso a casa, o padre António, ia pensando e delineando um plano: acudir àquelas famílias, por forma a não as vexar — «que a mão esquerda não soubesse o que fazia a mão direita».

Nas antevésperas de Natal acompanhou a mãe à vila, que ia fazer as mercas para a consoada. E na mercearia mandou aviar e acomodar, em cada uma de duas seiras — bacalhau, arroz, açúcar, castanhas e figos, meio carreiro de padas de molete e uma amotolia de azeite!

Com os olhos a mãe interrogou-o:

— É para uma intenção particular, mãe!

E a boa mãe sorriu-se orgulhosa de ter dado vida a tão bom filho ...

*

Nesse dia, ao lusco-fusco, àquela hora que os velhos chamam o «és-no-és», como

quem diz: nem é dia, nem é noite, — o nosso padre António acomodou nas seiras umas tantas batatas e nozes; e como uma consoada sem vinho não tinha graça nenhuma, juntou-lhes duas cabaças de vinho — suas duas canaditas cada uma!

Uma das casas, a contemplar, ficava longe, no extremo da freguesia: iria lá primeiro. Pegou na seira debaixo do braço, e suspendeu a cabaça a tiracolo, por um negalho de corda, que arredulhara ao gargalo: boa meia arrobita, tudo aquilo, que, aliás, se lhe afigurava leve ... Em cada seira ia um bilhetinho:

«Consoada que manda o Menino Jesus».

Junto dos escanzelados portais dos pobres envergonhados, em cuja família havia um velhinho octogenário, pousou a recheada alcofa e a cabaça: com um pequeno rebo deu três fortes pancadas na porta, e fugiu como um ladrão, como tratante que houvesse praticado um crime. Distanciado, escondido na curva do caminho, pôs-se à escuta: ouviu o rangido dos enferrujados gonzos, e pôde verificar que alguém levantara a dádiva.

Sumiu-se por velhos caminhos e ata-

lhos, apressado para acabar de cumprir a sua simpática e caridosa missão.

Já o sete-estrela ia alto quando chegou a casa; e ao parecer ninguém dera pela sua ausência. Encaminhou-se para o esconderalho do barrelo, sobraçou a outra seira, pegou na cabaça e foi repetir a silenciosa operação, à porta de outra família caída na miséria. Foi um cachopinho que acudiu à chamada, depois de inquirir num berrego:

— Quem péta? Quem 'stá lá?

E como ninguém respondia, correu até ao portal. Espanto grande foi o do moçoínho, quando verificou o que tinha à porta:

— Senhor pai! acorra cá! Puseram aqui uma seira de figos e uma cabaça vinheira ...

Quando o pai, a mãe e os irmãos se aproximaram, já o rapazelho tinha verificado o conteúdo:

— É a consoada caída do céu! Bacalhau, nozes, figos ... Que bom!

Aquela gente fora orgulhosa nos seus tempos áureos, e o bom do padre António chegou a rezear que enjeitasse o pequeno presente. Mas não: ouviu alguns comentários e suposições: — «Quem seria? Quem se teria lembrado deles? Os



senhores fidalgos? O reitor? ... Os parentes de longe ...

— Olha quem! — disse a mulher. — São unhas de fome ...

Com alegria verificou que o seu nome não fora lembrado.

O rapaguinho meteu, outra vez, as mãos na barjoleta e tirou um bilhete, que foi lido à mortilha luz da candeia de sebo:

— Olha! olha! ... É o Menino Jesus que nos manda a consoada! Que bonzinho!

O causador de toda aquela alegria, retirava-se regozijado, porque o não denunciavam e proporcionara bem-estar. Que a mão esquerda nunca saiba o que faz a mão direita.

*

Mas adiante, por ocasião da Missa-nova — que os senhores fidalgos, os graúdos da terra e o pároco quiseram que fosse solene — começou a desvendar-se a origem das benemerências, que só poderiam ter brotado da alma generosa do jovem padre, toda dada a Deus e ao bem-estar da Humanidade.

Dizia-se, em louvainha, que era «de

mãos lavadas», que não conservava cinco reis no bolso, e que dava o que tinha a quem não tinha ... Era uma alma de santo, que a todos acarinhava.

No fim da missa, na cerimónia do beija-mão, ouviu palavras de reconhecimento e de gratidão: uma mísera mulher, as lágrimas a deslizarem pela face macilenta, disse-lhe num gemido, que era um supremo desejo:

— Deus lhe pague!

Conheceu-a, sabia quem era: sorriu-lhe.

Silenciosos, sorridentes, mas sem palavras, outras se seguiram. Foi depois a vez de uma pobre viúva, magra, macilenta, que o fitou para lhe ciciar:

— Nosso Senhor o faça Santo!

A cerimónia do beija-mão estava quase no fim: toda a gente da freguesia e das aldeias do redondel, ali viera render homenagem ao padre-novo, que luminoso halo de simpatia aureolava.

.....

Agarrado a um pau entrou na igreja um velhinho octogenário, magro, de barba esquelética, mal se podendo arrastar, que foi até junto do padre. Não ajoelhou,

por não poder; mas ao beijar a dadivosa
mão, augurou-lhe prefético:

— Deus Padre Todo Poderoso o faça
Bispo da Cristandade!

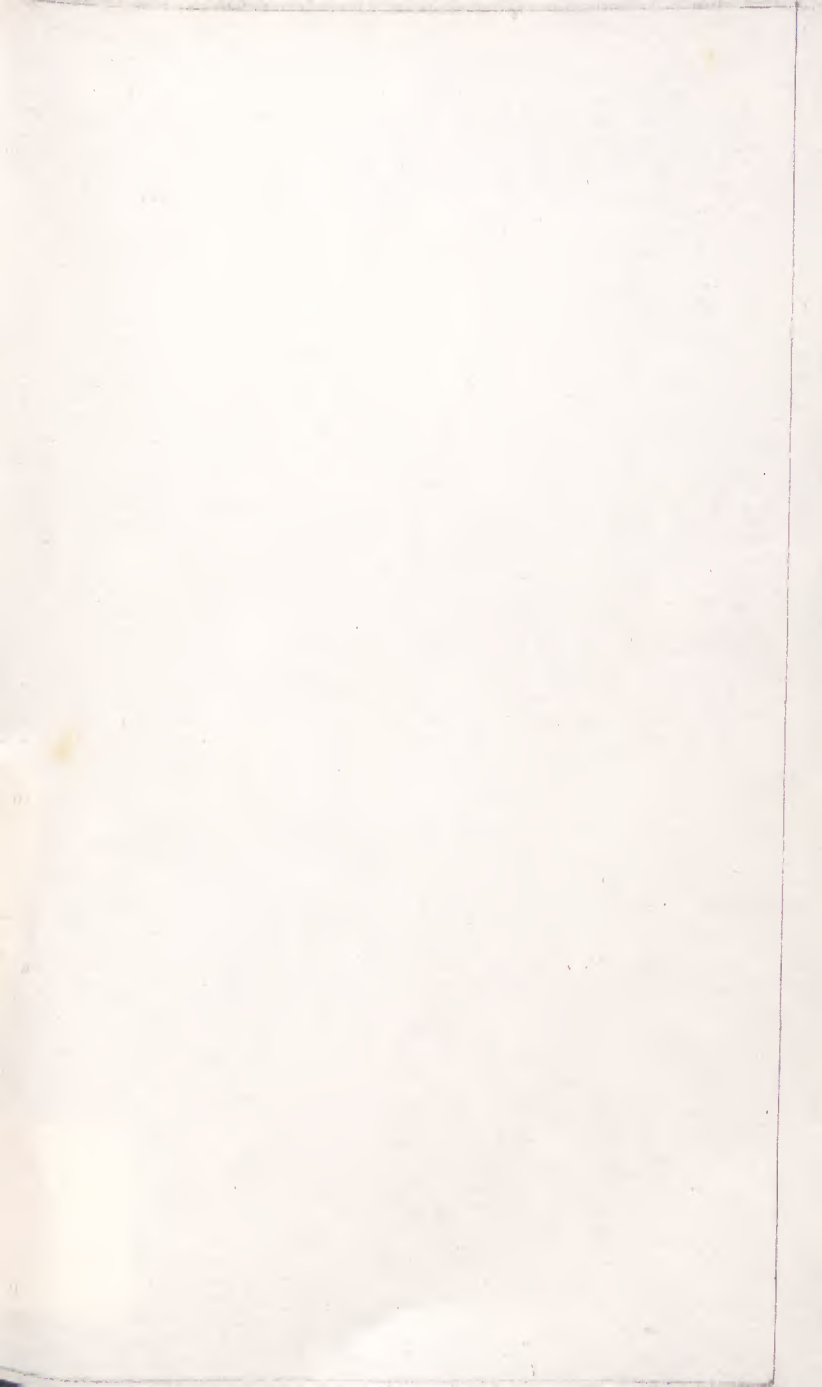
*

Ouviu Deus a agradecida prece dos
pobres e o augúrio do velho, e deferiu
os pedidos.

O novo sacerdote, já por todos procla-
mado Anjo da Caridade, que desde a in-
fância foi modelo de virtudes e espírito
em constante comunhão com Deus —
veio a receber paga da Justiça Divina,
que o fez Santo e o fez Bispo:

Chamou-se D. António Barroso e anda
na memória dos homens, em Cheiro de
Santidade ...

Vésperas de Natal de 1966.



BO

Bibliote
Manuel d